

PROJETO APOLLONIA – HISTÓRICO, RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Francisco Marshall¹

O Projeto Apollonia surgiu a partir de um convênio de cooperação científica entre UFRGS e Tel Aviv University (TAU), celebrado em 1995. Naquela ocasião, visitou-nos o ilustre presidente da TAU, prof. Dr. *Yoram Dinstein*, que voltou a Israel com uma carta nossa saudando os colegas de História Antiga e convidando-os à parceria científica que logo se realizou plenamente. No ano seguinte, realizamos o VII Simpósio de História Antiga (UFRGS, Porto Alegre, 10 a 15/07/1996), com a participação, como conferencista, do prof. Dr. *Jak Yakar* (Institute of Archaeology-TAU) e com a realização simultânea de uma exposição internacional, *Arqueologia Hebraica e Mediterrânea* (Porto Alegre, 10/07 a 27/08 e São Paulo, 13 a 29/09/1996), com acervos cedidos pela TAU e pelo MAE-USP. Ambos os eventos foram muito bem sucedidos em todas as suas metas, o que animou a continuidade do intercâmbio. O passo seguinte foi o convite, apresentado pelo prof. *Jak Yakar*, para que nos associássemos a uma escavação sob responsabilidade da TAU. Com a concordância entusiasmada de nossa equipe de estudantes, anuímos, e ele logo nos pôs em contato com o prof. Dr. *Israel Roll*, coordenador das escavações em Apollonia, que reforçou o convite e nos repassou todas as informações relativas ao sítio de Apollonia, e os elementos para o planejamento da expedição científica. A partir disto, foi formulado o “Projeto Apollonia – em busca da cidade helenístico-romana”, com o qual realizamos a preparação técnica, colhemos os apoios e fomentos e partimos para a primeira expedição científica, em julho de 1998, levando a Israel um total de 16 pesquisadores (acadêmicos, pós-graduandos e professores) – a primeira expedição científica brasileira no Mediterrâneo.

Desde então, o projeto se estruturou como um programa amplo de pesquisa e formação de quadros em História Antiga e Arqueologia Clássica, com a realização de quatro expedições científicas e de uma volumosa produção científica, incluindo apresentações, conferências, exposições, palestras em escolas, publicações, dissertações, projetos, relatórios e a presente publicação especial, que documenta o estado

atual da pesquisa e suas perspectivas científicas². Para sumarizar estas realizações, aqui apresentarei quatro tópicos relativos ao histórico do projeto: primeiramente, a evolução científica, ou seja, o avanço das problemáticas de pesquisa, em torno das temáticas centrais (cidade e contato cultural). A seguir, comentário sobre as expedições científicas e o tipo de aprendizado e perspectivas acadêmicas nelas produzido. Em terceiro lugar, notícias sobre o projeto educacional e museológico em desenvolvimento, nosso esforço por disseminar os resultados do projeto, ampliar a sensibilidade histórica de nossas comunidades e motivar as novas gerações para a produção do conhecimento. Falar de todos os desafios de um projeto amplo implica também compreender as enormes dificuldades que este, como muitíssimos projetos científicos meritórios, tem enfrentado nesse país nos últimos anos. Só podemos, quando podemos, superar as dificuldades por meio de uma equipe qualificada e motivada, que aceita os desafios do projeto como metas e desafios pessoais, e permite realizações significativas – exatamente porque coletivas em seus meios e fins. Por esta razão, segue ao final uma súplica das expedições, equipes e colaboradores, com todos os agradecimentos cabíveis.

Perspectivas científicas – o título do projeto inicial (“Projeto Apollonia – em busca da cidade helenístico-romana”, 1997) já deixa claro a primazia da problemática urbanística na origem de nossas preocupações e seu papel como via de acesso à compreensão do sítio arqueológico. Sabendo que o fenômeno urbanístico romano – a construção de numerosas cidades em toda a orla do Mediterrâneo e no interior das províncias – é regido por princípios culturais significativos, representativos da identidade cultural romana e derivados de princípios ontológicos, teorias urbanísticas e objetivos do Estado, procuramos compreender o contexto de Apollonia inscrito no conjunto de determinações cosmográficas, urbanísticas, estéticas, religiosas, técnicas, políticas e econômicas características de Roma. Em que medida o micro contexto de uma cidade periférica e politicamente irrelevante reverberava os conceitos e determinações históricas da cidade e do Estado romanos? Onde apareceriam os ordenamentos ortogonais (*i.e.*, de ângulos retos) que, teorizados e praticados na Grécia de Hipódamos de Mileto (séc. V a.C.), consagraram-se como doutrina arquitetônica e encontraram ressonância no mundo romano, em suas guarnições militares e *villas*, no cruzamento do *cardus* e do *decumanus* e na teoria de Vitruvio – todos modelos baseados em alinhamentos ortogonais, de um urbanismo racionalista? Em que a compreensão prévia do fenômeno

urbanístico antigo permitiria interpretar o sítio, compreender os eventos desenterrados e planejar as próximas intervenções?

Como preparação histórica de uma abordagem arqueológica, tais noções e questões revelaram-se importantes. Efetivamente, a cidade antiga é um código, cujos princípios e eventos de longa data estão decifrados. O principal resultado de nossas escavações em Apollonia, o desenterramento integral de uma *villa* marítima – uma estrutura arquitetônica completa, com seu *impluvium* peristilado, corredores, salas laterais (uma delas com nichos embutidos na parede), sistemas de drenagem e artefatos variados – esclareceu otimamente tais questões; com seu alinhamento preciso, sua rigorosa reprodução do modelo habitacional romano e os muitos detalhes reveladores da vivência histórica – uso e funções da casa –, a *villa* marítima de Apollonia é um caso importante, muito rico em informações. Situada em seu contexto interpretativo, esta estrutura torna-se uma evidência poderosa de um conjunto de circunstâncias históricas ilustrativas da identidade e de projetos do mundo romano antigo, assim como sua inscrição em tradições históricas mais amplas, compartilhadas de diferentes modos entre os povos antigos e também em outros momentos da tradição Ocidental, especialmente as renascentistas, mas inclusive as ibero-americanas. Os resultados deste estudo foram publicados no artigo “Habitação e cidade: ordenação do espaço no mundo clássico”³; o estudo da *villa* marítima, por sua vez, pautou a dissertação de mestrado da profa. *Raquel Machado Rech* (tema ampliado em seu doutorado, que versa sobre catalogação e análise comparativa das *villae* romanas em Israel)⁴. Ainda há muitíssimo a ser pesquisado neste campo, pois apenas trouxemos à tona um dedo (ou talvez uma mão) de um corpo urbano completo. Nós podemos esperar com toda a certeza a descoberta posterior de outros prédios privados e públicos, possivelmente templos, áreas de serviço e outros espaços tipicamente romanos. A análise comparativa de cidades próximas, especialmente o caso de Scythopolis (Beit Shean), permite que se espere por descobertas muito significativas, conforme avancem as escavações, com novas (aliás, muito antigas) estruturas arquitetônicas, epigrafia, artefatos utilitários variados e eventualmente material decorativo ou iconográfico.

Compreender a cidade romana no Oriente implica perceber também as marcas de uma expressão histórica imposta na paisagem – a impressão da cultura romana, a chamada romanização do espaço. O que inicialmente tomávamos por uma aculturação, com seu sentido vertical e impositivo (aplicação de modelos, determinações do dominador), revelou-se, no estudo dos artefatos e seus símbolos e informações, como

um processo mais rico, em que a identidade e condições locais também se expressam, e onde diversos intercâmbios se realizam. Entre o homem e a paisagem, entre economia, religião e sociedade, entre tradições e etnias diferenciadas, que convivem ou se sucedem no mesmo espaço, entre técnicas, símbolos e representações que distinguem (e aproximam) fenícios, gregos, romanos, samaritanos, cristãos bizantinos, árabes e cristãos cruzados. Os símbolos aparecem de modo especialmente rico nas coleções de lamparinas romanas de Apollonia, expressivas do imaginário local, suas fontes, valores e mesmo das atitudes destas comunidades; aparecem também nos prédios bizantinos, onde inscrições e ornamentos revelam o ardor triunfalista de uma seita ora fortalecida⁵. Perceber a alteração cultural da paisagem implica estender o olhar para um conjunto de eventos na área de Apollonia, marcas e efeitos da ação do homem sobre o ambiente, em que se expressam suas técnicas, instituições, noções de tempo, natureza, espaço, as prioridades e projetos, as funções e topologias determinadas sobre o terreno ocupado. Nesta ocupação, há variações e transformações, reveladoras de identidades históricas (fenícia, greco-macedônica, romana, bizantina, árabe, normanda) e de sua dinâmica. Pequenos vestígios na superfície, estruturas que afloram, aconchegos em rochas (necrópoles, refúgios), vias e córregos, portos e muros – sem cavar-se a pá, pode-se saber muito da arqueologia de Apollonia, e da romanização da paisagem. É o que se pode ler no relatório da expedição 2000 de *Maria Beatriz Borba Florenzano* e *Carlos R. Galvão Sobrinho*, uma excelente arqueologia da paisagem, rigorosa na análise dos indícios e na contextualização interpretativa⁶.

Outros achados e eventos do sítio permitem perceber-se a sucessão histórica dos povos como um conjunto de variações culturais encaidadas, em que necessidades e técnicas similares geram parâmetros comparativos de longo curso – aspectos da longa duração histórica, em área de ocupação continuada. Neste caso, incluem-se as tecnologias e os diversos relacionamentos com o meio ambiente, assim como estilos e comportamentos; destaca-se o caso da tecnologia cerâmica e suas especialidades, que então se tornam veículos e indícios das transformações culturais e que constituem um fio unindo historicamente fenícios a greco-macedônicos, romanos e samaritanos a árabes e cruzados. No campo comportamental, *e.g.*, o contato cultural se expressa na atitude da iconoclastia – um comportamento rebelde, que recusa um estilo cultural baseado em imagens, juntamente com os seus símbolos, e dirige sua intolerância às imagens de lamparinas, recorrente e intencionalmente mutiladas. Municiado por doutrinas e exortado (ou indultado) por lideranças

religiosas, este fenômeno eclode no Oriente como um surto em diferentes momentos – o aniconismo oriental⁷, e se revela na vida quotidiana das populações bizantinas de Apollonia. Por fim, as diferentes ocupações do sítio, a partir da ocupação romana, ocorrem no bojo de grandes transformações históricas de cunho religioso, como a expansão muçulmana ou a invasão normanda (cruzados cristãos), o que dissemina novos referenciais, dilui e integra uma vasta região sob parâmetros compartilhados. Mas a despeito das mudanças gerais e sobre amplas regiões, produzidas pelas conquistas greco-macedônica, romana, árabe e normando-cristã, em cada local há uma nova negociação, e é isso que mostra a Arqueologia, matizando e detalhando os quadros genéricos que a percepção macro-histórica descreve, revelando a vida histórica em seus detalhes significativos.

Afora os trabalhos produzidos pela equipe brasileira, a equipe do prof. Dr. *Israel Roll* prossegue publicando resultados, documentando todos os achados significativos e organizando as temáticas de interpretação arqueológica. Estas publicações em Israel, que aparecem nos melhores periódicos de história e arqueologia, ganharam destaque com a publicação do volume nº 16 da prestigiosa *Monograph Series* da *Tel Aviv University – Institute of Archaeology: Apollonia-Arsuf - Final Report of the Excavations, vol. 1 – the Persian and Hellenistic periods*⁸, organizado por *Israel Roll* e *Oren Tal*. Trata-se de uma documentação muito vasta sobre os achados de estruturas e de artefatos em estratos fenício-persa e helenístico do sítio, um belo volume. A publicação de conjunto anterior sobre Apollonia⁹ continha apenas uma introdução traduzida para o inglês, estando o restante em hebraico, sem tradução. O *survey* da região de Apollonia, por sua vez, com o levantamento dos sítios arqueológicos da área de Herzliya (o município em que se localiza nosso sítio, 15 km ao Norte de Tel Aviv), sua identificação, localização cartográfica e bibliografias, foi publicado com dados já muito superados¹⁰. Este presente volume, portanto, acrescenta documentação importante ao projeto, dando continuidade ao plano editorial que visa, no próximo estágio, a publicação do *Final Report* do período romano, também na já referida *Monograph Series* do *Institute of Archaeology - TAU*.

Ainda em relação aos trabalhos em Israel, deve-se destacar um resultado notável, surgido a partir das escavações de 1998: a implantação de um novo parque nacional arqueológico em Apollonia, o *Apollonia National Park*, ora dirigido por *Hagi Yonam*, assistente de *Israel Roll* e supervisor de área nas escavações em Apollonia, tendo como principal atração o castelo de Arsuf, recuperado através de escavações intensivas

desde 1998, e que renderam, entre outros frutos, a dissertação de mestrado de *Édison Bisso Cruzen*¹¹, que ora doutora-se em Arqueologia na Universidade de Coimbra, Portugal, prosseguindo estudos sobre a castelologia medieval.

A meta arqueológica imediatamente visada por *Israel Roll* é o completo esclarecimento da área E, com a escavação exaustiva das áreas adjacentes, inclusive dentro da muralha. Este trabalho já se iniciou nas escavações de 2000 e 2002 e ainda resta ser concluído, objetivo das próximas intervenções. A partir do geoprocessamento do sítio e de novas sondagens por meio de poço teste, esperamos identificar as áreas de arqueologia romana, na área atualmente escavável do parque, inclusive ao Sul, onde a área M (cf. cartografia em anexo) já recebe as primeiras intervenções. O indiciamento exaustivo do nível romano poderá trazer à tona estruturas e achados muito relevantes, pois além das noções que dispomos sobre ordem urbana romana, alguns achados descontextualizados (em meio ao estrato cruzado-medieval, nas ruínas do Castelo de Arsuf), como capitéis coríntios, colunas e outras marmorarias, indicam a presença de prédios mais sofisticados e de maior porte, ligados à vida pública da cidade, confirmando o alto potencial arqueológico do sítio.

Esta vida pública compreende as funções administrativas de uma cidade portuária, com seus interesses econômicos de escoamento da produção do Sul da planície de Sharon, na qual o sítio se insere, relacionada a uma produção agrícola substantiva, seu processamento industrial e à exploração de outros recursos locais. Cidade portuária significa também área de contato, em que se pode contar com guarnições militares, atentas a quem chega e sai, controlando a circulação costeira ao Sul da Samaria e ao norte de Ashkelon (onde se cunhavam moedas desde a época helenística) – uma área estratégica. Uma cidade romana nestas circunstâncias implica certos recursos e serviços, ligados ao tipo de gestão e ao modo de vida dos romanos lá acantonados. Assim, vida pública também significa, no caso da cidade romana, a existência de espaços públicos que nós, paradoxalmente, consideramos como maximamente privados – as privadas (latrinas) propriamente ditas, que na cidade romana costumavam ser coletivas, em áreas de convívio social integradas aos prédios centrais da cidade. Veja-se o caso de Scythopolis (Beit Shean), onde as latrinas comunitárias estão junto às termas de Leste, ao lado do teatro¹²; isto esclarece algo da profunda diferença entre o público e privado no mundo antigo e no mundo atual. Prédios públicos implicavam também muitas outras áreas de convívio – fóruns, áreas comerciais, templos, galerias, praças, pórticos e monumentos públicos. Neste tipo de cidade, os roma-

nos costumavam aglutinar de modo contíguo todos estes tipos de prédios (sociais, religiosos, administrativos, comerciais, privados), entrecortados por alamedas não muito largas mas bastante longas, seccionando os quadrantes da cidade. Além dos fragmentos de colunatas já referidos (capitéis e colunas, marmoraria variada), destaca-se, especialmente dentre os achados, um fragmento de mármore encontrado fora de contexto arqueológico e que parece ser uma parte da clava de uma estátua monumental de Hércules. Sabemos que a iconografia de Hércules se difundiu como propaganda Imperial romana, em várias ocasiões, e que este fragmento, de um material importado, indica uma estatuária oficial, com seus fins programáticos e ideológicos. Traz consigo, também, os mitos e imaginários do classicismo greco-romano, sua memória cultural e sua estética espetacular. Localizar este tipo de prédios e monumentos, e junto com eles todas as marcas do uso e abandono do sítio, seus artefatos, inscrições, decorações, reformas e interrupções, é a meta central e de longo prazo deste projeto, destino das pesquisas arqueológicas e históricas de Apollonia.

Assim, as metas originárias de nossa intervenção, ligadas ao estudo da cidade antiga, bem como sua meta complementar – ligada ao estudo do contato cultural entre as diferentes comunidades históricas ali presentes – continuam pautando o desenvolvimento do projeto, seja pela escavação intensiva na área E (*villa* marítima e seu entorno), pelas prospecções intensivas da superfície regional ou pelos estudos históricos que complementam a interpretação dos achados arqueológicos. Ademais, como em todo projeto arqueológico, há ainda um considerável volume de materiais, temas e problemas solicitando interpretação, o que depende da adoção destes temas e problemas pelos atuais e próximos membros da equipe de pesquisa. Entre estes temas, destaca-se a interpretação dos conjuntos de lâmpadas (suas fontes e oficinas, suas relações com o imaginário local, seu impacto sobre a cronologia do sítio); a catalogação e estudo das moedas, cerâmicas e bens utilitários; a ampliação do estudo da inserção micro e macro econômica de Apollonia, entre outros.

AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS

A escavação é a experiência central do projeto, produtora de conhecimentos práticos e históricos singulares. As expedições científicas, porém, caracterizam-se por realizar um conjunto amplo de aprendizagens, no campo científico e cultural, mas envolvendo também outras compe-

tências pessoais e profissionais importantes. Objeto de um planejamento bastante complexo, as expedições são precedidas por um período de formação, onde se estudam as questões históricas e arqueológicas de micro e macro contexto do sítio, aspectos da metodologia de campo e se realizam estágios práticos em escavações históricas e pré-históricas. Esta etapa envolve leituras, seminários, eventos de extensão, pesquisa dirigida e outras atividades acadêmicas.

A expedição, por seu turno, implica também a realização de itinerários científicos e culturais importantes, visitando-se os principais sítios arqueológicos e os lugares históricos da região e do país, ocasião em que se visualiza de modo claro o ambiente histórico antigo, bem preservado em cidades como, *e.g.*, Caesarea, Zipori e Scythopolis, entre muitas outras. Estas visitas geram documentação visual (fotografias e desenhos), que são integradas ao Banco de Imagens digitalizado do projeto, em constante atualização com material original e comparativo. As expedições compreendem também a visitação a museus importantes, nos sítios e nas cidades de Tel Aviv e Jerusalém, onde estão coleções extraordinárias de história e arqueologia antiga (especialmente no *Israel Museum* e na sede do *Israel Antiquities Authority – Rockefeller Foundation*, em Jerusalém), assim como a bibliotecas, sociedades científicas e livrarias especializadas. Há, ainda, as visitas a laboratórios, reservas técnicas, áreas de conservação e restauro, na *Tel Aviv University* e junto à *Antiquities Authority*. Todas estas visitas propiciam também contatos importantes com pesquisadores, técnicos e autoridades, os quais revelam sempre excelente disposição cooperativa e muita boa vontade para com a equipe brasileira. As visitas técnicas constituem, sobretudo, oportunidades extraordinárias de aprendizagem para toda a equipe, que passa a conhecer o modo rigoroso e a alta qualidade técnica do tratamento dado ao patrimônio histórico e arqueológico em Israel – onde já há mais de 36.000 sítios arqueológicos identificados, boa parte deles integrado no cenário turístico e econômico das cidades (e desertos). Neste campo, obtém-se um aprendizado impossível no Brasil, pois não temos nada similar por aqui, especialmente em termos de rigor técnico no trato arqueológico (à provável exceção do MAE-USP). Por fim, as expedições, e os vários roteiros entre sítios e cidades, desertos e montanhas, vales e portos, templos e mercados, permitem perceber a paisagem e seus efeitos na vida das cidades e coletividades, a profunda relação entre o meio ambiente e a vida histórica, seus horizontes, demarcações, cicatrizes, limites e distâncias.

Em vista disto, tão importante quanto as escavações é o roteiro de visitas, das quais, ademais, surgem oportunidades de convívio com duas

grandes culturas que repartem o território, árabe e israelense, experiências que produzem situações pessoais de alto valor, nas quais se enriquece a trajetória de cada um dos membros da expedição – especialmente os jovens acadêmicos, que então se confrontam com um mundo completamente diverso, distante e muito significativo. Conhecer, compreender e respeitar a diferença é aprendizado fundamental, particularmente necessário no meio acadêmico, onde isto nem sempre é possível. Os expedicionários unanimemente reportam que esta experiência alterou positivamente suas vidas, e desejam voltar a Apollonia. É neste momento que o Projeto Apollonia atinge seus melhores fins: ampliar horizontes científicos, culturais, profissionais e pessoais, potencializar destinos, construir patrimônios de conhecimento e experiências profissionais singulares.

Projeto educacional e museológico – além dos objetivos científicos, ligados à pesquisa arqueológica e histórica, o Projeto Apollonia realiza, desde os primórdios, um conjunto de metas educacionais e museológicas, ligadas à difusão científica e cultural dos resultados do projeto. Na verdade, neste caso, a pesquisa científica surgiu a partir de eventos de extensão (o simpósio e exposição de 1996¹³), e se revigora com o interesse, estímulo e questões produzidas ao longo de um roteiro de contatos com a comunidade científica, cultural e educacional. Estas metas educacionais e museológicas implicam a realização de exposições, palestras, atividades em escolas, seminários, simpósios, publicações e atividades de divulgação¹⁴, visando a atingir diferentes segmentos da comunidade e a dar ampla conseqüência social ao conhecimento produzido. Especialmente no caso de nossas temáticas, situadas em contextos espaciais e temporais aparentemente distantes, cabe ao grupo de pesquisa evidenciar não apenas nossa intensa relação histórica com as culturas enfocadas, como destacar da produção científica os conceitos e informações que contemplem interesses culturais e objetivos educacionais mais amplos, situados no campo da consciência patrimonial, de questões sobre identidade e de interesses por História Antiga e História Universal. Neste sentido, nosso esforço visa a enriquecer a sensibilidade histórica contemporânea, trazendo à luz referências atuais e atraentes, relativas às antigas civilizações – uma área sempre carente de recursos científicos e educacionais no Brasil. Em sua formulação atual, o Projeto Apollonia visa a realizar estas metas por meio de um plano educacional e um plano museológico.

O plano educacional propõe e realiza ações junto ao mundo do ensino, especialmente escolas públicas conveniadas, em trabalhos dirigidos com professores e alunos. Além da didática de todas as informações

históricas, o trabalho educacional valoriza também aspectos conceituais amplos (patrimônio cultural, identidade, origem, fundamento, civilização) e elementos cognitivos (interpretação de fragmentos, produção do conhecimento histórico, categorias espaciais e temporais). Este plano significa um impacto comunitário imediato e uma aplicação gratificante dos resultados da pesquisa, assim como fecunda oportunidade de diálogo, onde a pesquisa se alimenta de novas sensibilidades, e se renovam paradigmas, desta feita valorizados por experiência comunitária.

Quanto ao plano museológico, surge da perspectiva de que tragamos de Israel, em empréstimos de médio e longo prazo (até 10 anos), acervos arqueológicos, contendo os artefatos encontrados em nossas escavações e também provenientes de outras coleções. Este plano museológico visa a valorizar o potencial comunicativo dos acervos produzidos em campo, em ações integradas ao plano educacional, e concentra-se em dois sub-projetos: museologia portátil e exposição da Coleção Apollonia. A museologia portátil visa o desenvolvimento de painéis de pequenas dimensões, contendo amostragem de acervos e sua leitura, bem como recursos para transporte e fixação, para utilização em eventos temporários e em apoio didático. A exposição da Coleção Apollonia, por sua vez, visa apresentar à sociedade brasileira os acervos arqueológicos produzidos em mais de 25 anos de escavações em Apollonia (desde 1977, chegada da TAU ao sítio), com ênfase nos achados produzidos pela equipe brasileira. Será um evento de grande porte, em circuito nacional. Sua produção é trabalhosa, demorada e onerosa. As etapas básicas estão concluídas, com a curadoria documental desta coleção, realizada por *Raquel Machado Rech* em Israel, durante seu estágio de doutorado sanduíche na *Tel Aviv University*, em 2001-2, e com a liberação dos acervos assegurada pela TAU e pela *Israel Antiquities Authority*. A exposição em circuito nacional de toda a coleção, contendo mosaicos, moedas, cerâmica variada, material ósseo e metálico, marmorarias e vidrarias, será ótima ocasião para ampliar a recepção comunitária destes bens culturais, com impacto na educação e na cultura.

Arqueologia e museologia costumam andar de mãos dadas, com a peculiaridade de que, no caso de um projeto arqueológico, conhece-se a origem do artefato desde sua obtenção até seu processamento museológico (registro, conservação, interpretação, publicação, exposição), o que enriquece a curadoria e agrega precisão e consistência à informação produzida. No presente caso, a museologia visa também a cooperar diretamente no projeto educacional, vitalizando as situações de ensino e aprendizagem com a possibilidade de experiência com mate-

riais tridimensionais e de contato direto com testemunhos de uma vida histórica multissecular.

Trabalho em equipe – todos estes frutos somente são atingidos e se justificam através de um intenso e extenso trabalho de equipe, com motivação e engajamento a médio e longo prazo, e múltiplas formas de integração e desempenho no projeto. Oferecer aos acadêmicos de História e Arqueologia um espaço de formação diferenciado, em áreas geralmente pobres de recursos científicos, continua sendo a meta maior do Projeto Apollonia, e sua razão de existência. Estas metas são realizadas através do Núcleo de História Antiga IFCH-UFRGS, um espaço destinado ao apoio à pesquisa e extensão em História Antiga, criado em 1996 e dedicado particularmente a este Projeto Apollonia¹⁵.

Neste passo, portanto, cabe designar e destacar as várias equipes e colaborações acrescentadas ao projeto nestes sete anos, desde 1996 a 2003. Antes de tudo, em plano institucional, o trabalho conjunto surgiu a partir da aproximação cooperativa entre grandes universidades brasileiras (UFRGS e USP) e israelense (TAU). Desde os primórdios, somou-se ao projeto a participação altamente enriquecedora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP), através da profa. Dra. *Maria Beatriz Borba Florenzano* e suas equipes, que têm participado de todas as etapas do projeto, desde 1996, incluindo as atividades de formação e as expedições – uma colaboração preciosa, que complementa nossa equipe com a atenção e a presença de uma profissional da mais alta qualidade na arqueologia clássica brasileira e internacional. Também o PPG História da PUCRS, através de seu coordenador, prof. Dr. *Arno Alvarez Kern*, e da participação de pós-graduandos, tem apoiado positivamente este projeto, indiferente às cegas compitas paroquiais. No âmbito do apoio institucional, cabe destacar a FAPERGS, cujo financiamento oferecido em 1996-7 viabilizou diretamente este projeto, em sua primeira missão (1998), com especial apoio e confiança do então diretor presidente, prof. Dr. *Pedro César Dutra Fonseca*. Novos apoios foram colhidos junto à FAPESP e ao CNPq (via PIBIC-UFRGS). Distinguem-nos também o apoio e a confiança da ilustre vice-pró-reitora de pesquisa da UFRGS, *Marininha Aranha Rocha*, de seu assistente *Célio L. Rafaelli* e da diligente equipe. No âmbito do IFCH, este projeto realiza-se no Núcleo de História Antiga, que recebe apoio da direção (prof. Dr. *José Vicente Tavares dos Santos*) e secretaria do Instituto (Sra. *Ilga Schauen*) e do PPG História. Merece destaque também a integração do pesquisador *Carlos Roberto Galvão Sobrinho*, que se somou ao grupo já na expedição de 1998; então na UNICAMP e hoje na *University of Wisconsin*.

sin, já doutorado, Galvão agrega sua marca de inteligência e rigor. Na outra cabeça de ponte, em Israel, a acolhida sempre amistosa e cooperativa de nossos colegas na *Tel Aviv University*, chefiados por *Israel Roll* e acompanhados por *Jak Yakar* e *Ben Isaac*, se faz complementar por um apoio substantivo da Municipalidade de *Herzliya*, que propicia condições de logística e infra-estrutura sem as quais não poderíamos realizar as escavações.

A seguir, a lista com a formação das quatro equipes expedicionárias, de 1998 a 2002; entre parênteses constam as situações acadêmicas de então (é uma satisfação ver hoje que muitos daqueles acadêmicos já são professores, mestres e doutorandos!):¹⁶

MISSÃO AP XII 1998

de 12 a 31 de julho de 1998 (apoio FAPERGS, relatório aprovado)

Francisco Marshall

(prof. Dr. Coordenador Geral, UFRGS)

Carlos Roberto Galvão Sobrinho

(prof. Dr. da UNICAMP; Assessor de Pesquisa Histórica do PA)

Raquel Machado Rech

(Mestranda em Arqueologia, PUCRS, Secretária Executiva do PA)

Artur Henrique Barcelos

(Doutorando em Arqueologia, PUCRS; Fotógrafo)

Ivana Teixeira

(Mestranda em Arqueologia, MAE-USP)

Juliana Monzani

(Mestranda em Arqueologia, MAE-USP)

Cláudio Heinrichs Jr.

(Acadêmico em História, UFRGS; bolsista do PA - PIBIC-FAPERGS)

Édison Bisso Cruzen

(Acadêmico em História, UFRGS; bolsista do PA - PIBIC-FAPERGS)

Fernanda Ott

(Acadêmica em História, UFRGS)

João Saldanha

(Acadêmico em História, UFRGS)

Mariana Cabral

(Acadêmica em História, UFRGS)

Marieta Marques Löw

(Acadêmica em História, UFRGS)

Mônica Selvatici

(Acadêmica em História, UFRJ)

Paulo Carneiro
(Acadêmico em História, UFRGS)
Rodrigo Angrizani
(Acadêmico em História, UFRGS)
Tibério Vianna Xavier
(Acadêmico em História, UFRGS; bolsista do PA – PIBIC - FAPERGS)

MISSÃO AP XIII 1999

de 02 a 27 de agosto de 1999

Francisco Marshall
(Coordenador Geral, UFRGS)
Raquel Machado Rech
(Doutoranda em Arqueologia, MAE-USP, Secretária Executiva)
Édison Bisso Cruxen
(Mestrando em Arqueologia, PUCRS)
Vagner Carneiro Porto
(Mestrando em Arqueologia, MAE-USP)
Alessandra Trigo
(Acadêmica de História, USP)
Cristina Lima
(Acadêmica de Comunicação, UFRGS; Fotógrafa)
Marcos Daniel Quevedo
(Acadêmico de Comunicação, UFRGS; Fotógrafo)
Suziene Silva
(Acadêmica de Comunicação, UFRGS; Fotógrafo)

MISSÃO AP XIV 2000

15 de julho a 06 de agosto de 2000 (apoio FAPESP, relatório aprovado)

Maria Beatriz Borba Florenzano
(Coordenadora Adjunta do PA no Brasil, MAE-USP)
Carlos Roberto Galvão Sobrinho
(Coordenador de Pesquisa Histórica do PA, prof. Dr. da UNICAMP)
Raquel Rech
(Doutoranda em Arqueologia, MAE-USP, Assistente Científica do PA)
Édson Bisso Cruxen
(Mestrando em Arqueologia, PUCRS, Secretário Executivo do PA)
Silvana Trombetta
(Doutoranda em Arqueologia, MAE-USP)

MISSÃO AP XV 2002

03 a 15 de agosto de 2002

Raquel Machado Rech (Doutoranda em Arqueologia, MAE-USP; Assistente Científica e Representante da Coordenação Geral Brasileira em campo)

Cintia Alfieri Gama

(Acadêmica de História, USP)

Rejane Carvalho Donis

(Acadêmica de História, UFRGS)

Tiago Maciel

(Acadêmico de História, UFRGS)

Ao indicar estas composições de equipe, deve-se destacar o papel da professora Dra. *Maria Beatriz Borba Florenzano* (MAE-USP), primeiramente como coordenadora de pesquisa arqueológica e depois como coordenadora adjunta deste projeto e líder da expedição APXIV2000, e de *Raquel Machado Rech*, que tem permanentemente se dedicado com grande aplicação e qualidade profissional, nas diversas funções que tem exercido (secretária executiva, assistente científica, curadora de acervo, coordenadora de expedição e outras). Cabe-nos também destacar aquelas pessoas que, mesmo sem ter ido a Apollonia, têm garantido a viabilidade deste projeto, com sua qualidade profissional e colaboração generosa:

Prof. Dr. *Arno Alvarez Kern* (Coordenador do PPG-História, PU-CRS) - assessor de Pesquisa Arqueológica do PA de 1997 a 1999; coordenador das duas Dissertações de Mestrado já realizadas sobre Apollonia defendidas em 1999 (Rech) e 2001 (Cruzen).

Prof. Dr. *Anderson Zalewski Vargas* (Departamento de História UFRGS) - assessor de Pesquisa Histórica do PA, em 1997-8.

Profa. Me. *Silvia Moehlecke Copé* (Departamento de História UFRGS) - coordenadora Adjunta do PA no Brasil, de 1997 a 1998.

Fotógrafo *Mario Bitt-Monteiro* (Núcleo de Fotografia, FABICO-UFRGS) - Coordenador de Fotografia (1999).

Prof. *Ricardo B. Charão* (ex-acadêmico de História, UFRGS) - bolsista PIBIC-FAPERGS 1998-2000.

Thiago Bonfada de Carvalho (acadêmico de História, UFRGS) - bolsista PIBIC-CNPq 2000-2003.

Márcio Rogério da Costa Letona (acadêmico de História, UFRGS) - bolsista PIBIC-FAPERGS 2000-2003.

Os profs. Drs. *Célia Ferraz de Souza* (Arquitetura-UFRGS), *José Rivair Macedo* (IFCH-UFRGS) e *Loiva Otero Félix* (UFRGS-UPF) cooperaram diretamente na preparação científica da equipe de 1998, e me-

recem nosso agradecimento, junto com o ilustre prof. *Luiz Fernando Coelho de Souza*, um entusiasta destas realizações e grande apoiador. À coordenação deste PPG História, na pessoa da profa. Dra. *Susana Bleil de Souza*, assim como aos colegas da Comissão editorial, profs. Dr.s *Anderson Zalewski Vargas* e *Temístocles Américo Correa Cezar*, nosso agradecimento pela confiança e apoio a este volume.

A força destas cooperações decidiu a viabilidade e a qualidade deste projeto até o presente momento. Como sempre, quem faz ciência no Brasil deve acostumar-se a reagir como certos seres míticos, que acolhem os ataques recebidos e os transformam em energia acrescentada, fortalecendo-se para enfrentar os vários desafios. Assim deve ser, pois as dificuldades são enormes e os recursos, escassos (ou inexistentes), mas a experiência já se provou demasiado gratificante, e assim continuará sendo nas próximas expedições e eventos.

Plano deste dossiê – os artigos seguintes descrevem aspectos referenciais para a compreensão do sítio, através de resultados de pesquisas recentes. O artigo inicial, de *Israel Roll*, diretor das escavações em Apollonia, apresenta o histórico amplo das pesquisas no sítio de Apollonia, ao mesmo tempo em que descreve as principais características do sítio e suas linhas de trabalho. Segue-se um estudo sobre o período mais remoto de ocupação histórica em Apollonia, um trabalho desenvolvido por *Thiago Bonfada de Carvalho* em sua iniciação científica, e que lhe valeu destaque de sessão no XIII Salão de Iniciação Científica PROPESQ-UFRGS 2001. O artigo seguinte, de autoria do prof. Me. *Ilan Shachar*, aborda o interessante problema das várias cidades com denominação “Apollonia”, em catalogação e análise comparativa. Este artigo, assim como o de *Israel Roll*, foi traduzido do inglês por *Thiago Bonfada de Carvalho*, a quem agradecemos. O artigo de *Raquel Rech*, por sua vez, é uma síntese dos resultados de sua dissertação de mestrado, centrada na análise da *villa* marítima de Apollonia, sua natureza e inserção na norma urbanística da cidade romana. Já o artigo de *Márcio R. da C. Letona* (também bolsista BIC FAPERGS deste projeto) ilustra um dos processos culturais mais instigantes no Oriente próximo, muito perceptível em Apollonia, relativo à cristianização do espaço. *Édison Bisso Cruxen*, que atuou diretamente nas escavações em torno do castelo de Arsuf, nos oferece com este artigo uma síntese dos resultados de sua dissertação de mestrado, focada na interpretação desta edificação à luz da tipologia arquitetônica dos castelos europeus e das interações estilística produzidas no meio oriental. Por fim, o artigo de *Maria Beatriz Borba Florenzano* (USP) e *Carlos Roberto Galvão Sobrinho* (University of Wisconsin,

EUA) recolhe parte dos resultados do sub-projeto realizado em 2000-1, e aponta caminhos e perspectivas para as intervenções arqueológicas e as pesquisas históricas aplicadas ao sítio. Com a certeza de que estas excelentes contribuições ilustram não apenas o caso de Apollonia mas uma situação privilegiada de estudos em História Antiga e Arqueologia, só me resta desejar a todos uma ótima leitura.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Professor do Departamento e PPG História IFCH-UFRGS e do PPGAV-IA-UFRGS, Coordenador do Núcleo de História Antiga IFCH-UFRGS (<http://www.ufrgs.br/antiga>) e Coordenador Geral do Projeto Apollonia; marshall@ufrgs.br.
2. Há informações detalhadas, banco de imagens e bibliografias do Projeto Apollonia na *home page* do Núcleo de História Antiga: <http://www.ufrgs.br/antiga/apol.htm>. Este projeto está registrado como Grupo de Pesquisa do CNPq nas edições 3.0, 4.0 e 5.0.
3. MARSHALL, Francisco. *Habitação e cidade: ordenação do espaço no mundo clássico*. Revista Anos 90 (PPG História, IFCH-UFRGS), nº 14, dezembro de 2000 (publicado em dezembro de 2001).
4. RECH, Raquel. *A Missão Arqueológica AP XII 98 e sua Relação com a Constituição e Disciplinamento do Espaço Urbano de Apollonia*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, janeiro de 1999.
5. Conferir o artigo de Márcio Rogério da Costa Letona, neste volume.
6. O relatório *Projeto Apollonia – Apolônia e seu território: paisagem rural e mudança social na Palestina romana*, de autoria de Maria Beatriz Borba Florenzano e Carlos Roberto Galvão Sobrinho, foi apresentado (e aprovado) à FAPESP em 2001, e dará luz a uma publicação específica dos autores, no prelo.
7. BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Lisboa: Editorial Presença, 1999.
8. ROLL, Israel; TAL, Oren. *Apollonia-Arsuf - Final Report of the excavations, vol. 1 – the Persian and Hellenistic periods*. Tel Aviv University – Sonia and Marco Nadler Institute of Archaeology – Monograph series nº16, Tel Aviv, Emery and Claire Yass publications in archaeology, 1999.
9. ROLL, Israel & AYALON, Etan. *Apollonia and the southern Sharon – model of a coastal city and its hinterland*. Tel Aviv, Israel Exploration Society, 1989.
10. GOPHNA, Ram; AYALON, Etan. *Archaeological survey of Israel – Map of Herzliya (69)*. Jerusalem, Israel Antiquities Authority, 1998.
11. CRUXEN, E.B. *Arquitetura Militar Medieval na Palestina e o estudo de caso do castelo de Arsuf (séculos XII e XXX)*. Dissertação de Mestrado. PPGHIST-PUCRS, Porto Alegre, Agosto de 2001.

12. Cf. a planta descritiva de Beit Shean, em Israel Ministry of Foreign Affairs - Sites Archeologiques no. 7, Beit Shéan - Plan du centre de Scythopolis <http://www.mfa.gov.il/mfa/go.asp?MFAH0kao0>, em 22/12/2002.
13. VII Simpósio de História Antiga (UFRGS, Porto Alegre, 10 a 15/07/1996) e exposição internacional, *Arqueologia Hebraica e Mediterrânea* (Porto Alegre, 10/07 a 27/08 e São Paulo, 13 a 29/09/1996).
14. Entre as atividades de divulgação, registre-se a excelente reportagem produzida por José Tadeu Arantes, que fez do projeto Apollonia capa da Revista Galileu nº 107, junho de 2000 (http://galileu.globo.com/edic/107/con_israel1.htm), em uma bela reportagem de mais de 10 páginas, assim como as recentes divulgações no Jornal da Ciência SBPC nº2252 de 03/04/2003 (<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=8887>) e no Com-Ciência Labjor-SBPC nº42, de 11/04/2003 (<http://www.comciencia.br/noticias/2003/11abr03/apollonia.htm>), entre muitas outras matérias, produzidas com apoio de nossos bancos de dados e imagens e a partir de nossos *press-releases* e divulgações induzidas.
15. O Núcleo de História antiga reúne pesquisadores em História Antiga, da UFRGS e outras Universidades, e realiza atividades de extensão, grupos de leitura, conferências e diversas linhas de pesquisa: <http://www.ufrgs.br/antiga>.
16. Agradeço a *Raquel Rech* a elaboração desta lista.